



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O QUE DIZEM OS UNIVERSITÁRIOS SOBRE A ATUAÇÃO DE SEUS PROFESSORES?

Maria Aparecida Gomes Barbosa

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – cidaufpe@yahoo.com.br

Este estudo relata como os estudantes universitários, cujos comportamentos e discursos (impulsionados pelas mídias hipertextuais) são distintos daqueles desejados pela própria universidade. Entretanto, tais discursos, explicados pelos modos de pensamento narrativo e cartesiano estudados por Bruner e Senna, ainda não são chancelados pelas escolas/universidades. O referido estudo está inserido no projeto de doutorado desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PROPED/UERJ). Os resultados prévios apontam que esses estudantes universitários são sujeitos narrativos e, seus modos de ser, estar e agir estão (e são) relacionados com o momento histórico em que vivem e com a cultura oral, constituída a partir da formação do povo brasileiro. Ainda assim, seus comportamentos não são adequadamente reconhecidos pela universidade. O nosso *corpus* teórico se constituiu por Vygotsky (1987, 1998), Senna (2006, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012 e 2013), Bruner (2001, 1999) e Lévy (1993).

Palavras-chave: Estudantes universitários, mídias hipertextuais, cultura oral.

Introdução

Há quase uma década vivemos conectados, a ponto de chegarmos a uma razão de mais aparelhos celulares no país do que habitantes. Diante desse cenário, alunos e professores são estimulados a incorporarem novos e múltiplos discursos orais escritos no processo de aprendizagem. Nesse sentido, o uso das mídias hipertextuais precisa ser compreendido como uma condição histórica e cultural do sujeito contemporâneo, não somente para alguns poucos eleitos, mas para todos os que tenham acesso a essas mídias. Afinal, fica evidente que todo brasileiro faz uso de várias tecnologias, mais especificamente os *smartphones*, que possibilitam a todos, independente de sua cor, classe social ou credo, acesso ao mundo (literalmente) de informações em suas mãos.

Os espaços sociais acolhem tanto esses jovens e suas tecnologias quanto os discursos que vão surgindo a partir do uso das mesmas. Porém, a escola ainda não chancelou esse uso como uma possibilidade de aprendizagem para os alunos, chegando até a reprimir o seu uso na sala de aula. Está claro que a escola e a universidade, ambas como *loci* formativos, tem um nó a desatar, que no



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

modelo cartesiano que é condição *sine qua non* na formação dos estudantes que estão na universidade. Ou seja, faz urgente que a universidade aceite que os atuais estudantes universitários produzam suas escritas e leiam nos suportes midiáticos móveis e estáticos (mídias hipertextuais) e, principalmente, reconheça os múltiplos discursos possíveis a partir dessas tecnologias.

Quando falamos em tecnologias, estamos nos referindo tanto às estáticas (livros, jornais, revistas...), que continuam a ser fonte de leitura e escrita do jovem contemporâneo, quanto às móveis (*smartphones, tablets, ipods, netbooks* etc.). Entretanto, o reconhecimento desses discursos não é interessante para os professores universitários porque tal mudança de atitude significaria que eles “perderão o controle sobre os seus alunos”. E esse modelo de manter as rédeas nas mãos ainda é extremamente reproduzido na universidade, ainda que os discursos dos acadêmicos digam exatamente o contrário. Tampouco é interessante para as instituições escolares e/ou universitárias, cujas bases estão no positivismo e na crença de que os docentes professam a verdade, uma única verdade, ainda que se reconheça a subjetividade dos sujeitos, não se admitem diferentes e novas formas de ser, pensar e agir que a agenda digital exige.

A não adequação por parte da universidade aos múltiplos discursos do jovem contemporâneo é explicada pelo fato de que, ao adentrar o ambiente acadêmico, o mesmo precisaria se comportar como um sujeito cartesiano: embora esteja em sala de aula, na maior parte do tempo deve manter-se calado. Porém, às escondidas do professor, está conectado, ou seja, ele não deixa de ser um sujeito hipertextual, mas “finge” para o professor ser o sujeito cartesiano, o aluno ideal. Assim, quando adentram os muros da universidade, os estudantes são induzidos a agirem de forma totalmente diferente do sujeito real que são e da forma que agem quando estão nos espaços sociais.

Metodologia

Utilizamos a observação na vida real, ou seja, a partir das falas dos alunos do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *campus* Pau dos Ferros (Alto Oeste Potiguar), que ocorreram à medida que temas como práticas de ensino (ou práticas pedagógicas) e avaliação foram abordados nas aulas, com os estudantes explicitando os *modi operandi* dos docentes na universidade sobre esses temas, que estão aqui relatados.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Somos brasileiros... com muito orgulho?!

Partimos do pressuposto que nós, brasileiros, somos um povo de cultura oral. Ou seja, a escrita, que tanto perseguimos, ocorreu por conta de uma construção de identidade, isto é, buscávamos nos constituir enquanto sujeitos brasileiros através da escrita, imposta pelos portugueses, quando aqui chegaram, conforme relata Ribeiro (1998) no livro “A formação do povo brasileiro”. Porém, os suportes em que essa escrita acontecia eram as folhas de papel, e as leituras também partiam de tecnologias estáticas (livros, jornais, revistas impressas etc.), tecnologias disponíveis na época. Bruner (2001) assegura que para cada tempo existe um estojo de ferramentas apropriado para se resolver a respectiva demanda da época. E é exatamente assim que os estudantes universitários usam as tecnologias hipertextuais, como foram usados décadas atrás os estojos de lápis, a borracha, os corretivos etc., com o propósito de resolver problemas, encontrando as soluções pelo uso das ferramentas da época e potencializando a criatividade. Assim deveria ser, mas não é o que ocorre, de fato, como descrevem estudantes de licenciatura em uma universidade do interior nordestino:

[...] é difícil compreender como em plena era da tecnologia existe professor que manda a gente escrever três folhas a mão, porque se a gente entregar digitado ele diz que é copiado da internet e que ao menos escrevendo a gente é forçada a ler enquanto escreve. (AG1 em 16.06.2014)

Todo professor chega no primeiro dia de sua aula e diz que o seu modelo de avaliação é processual, quando chega na época de prova, é tudo igual, uma única prova por unidade e aí quem não se sair bem nela, tá ferrado né? Aí a gente pensa que na segunda nota ele vai ser mais flexível, fazer uma avaliação pra gente refletir, e nada, e só aceita a resposta que tá conforme o livro, ou os textos que ele indica, a gente não pode colocar um outro autor que a gente leu e gostou. É muita diferença entre o que ele (o professor) diz que vai ser a sua disciplina e o que realmente é. A gente só faz decorar o que um autor diz e depois escreve na prova... Só escreve mesmo porque no semestre seguinte a gente não lembra mais de nada do que viu no anterior, só decorou pra prova. (AG2 em 07.05.2015)

A fala da aluna 1 do curso de Licenciatura em Geografia (AG1) explicita a sua indignação sobre a não aceitação por parte do professor das respostas de uma das três avaliações realizadas por semestre em uma universidade da região nordeste, fundamentada na concepção de que “os alunos tem que ler” e, uma forma encontrada pelo professor que ministra a disciplina é a “cópia” *ipsis*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

litteris dos livros pelos alunos de aproximadamente três folhas para cada resposta das cinco questões da avaliação. Pois, segundo o professor, “enquanto o aluno copia, ele tem que ler”.

A fala da aluna 2 também do curso de Geografia (AG2) da mesma instituição, em semestre distinto revela a “cópia” requerida pelos professores na avaliação e faz críticas ao contrato didático estabelecido por alguns professores na primeira aula, mas que não é seguido ao longo do semestre, bem como a docência centrada no ensino e não na aprendizagem, privilegiando a memorização em vez da reflexão, bem como o uso das tecnologias estáticas (livros e cadernos), ignorando os suportes midiáticos de leitura e escrita contemporâneos.

Há mais de duas décadas fomos apresentados ao computador e velozmente novos artefatos tecnológicos foram surgindo e sendo aperfeiçoados e foi (ainda é) com eles que passamos a conviver e que são usados para realizarmos as mais diversas tarefas. Simultaneamente, com familiaridade e proveito crescentes, esta multirreferencialidade tornou-se comum não apenas ao comportamento dos jovens contemporâneos, mas também ao de muitos adultos que, por exemplo, respondem mensagens ao celular enquanto assistem TV ou fazem uma refeição, ou ainda executam dezenas de outras coisas simultaneamente e atendem ao celular ou enviam mensagens por eles.

Esses artefatos de uso cotidiano não só provocam velozes adaptações cognitivas e subjetivas aos novos ritmos e experiências, permitindo responder com a maior agilidade possível à necessidade de reciclagem constante e de alto desempenho, como também acabam por se multiplicarem e se popularizarem em virtude de tais mudanças nos estilos de vida. De fato, muitos usos da parafernália informática e das telecomunicações, assim como ocorre com os frutos da mais recente investigação biomédica e farmacológica, constituem estratégias que os sujeitos contemporâneos põem em jogo para se manterem à altura das novas coações socioculturais, gerando maneiras inéditas de ser e estar no mundo.

Por motivos óbvios, os jovens abraçam essas novidades e se envolvem com elas de maneira mais visceral, naturalizada, e “viraliza geral”. Embora de modo algum essas novidades são uma exclusividade das gerações mais recentes, pois muitos adultos potencializam suas infinitas atividades com o uso das tecnologias.

Todavia, surge aqui um choque digno de nota: justamente os jovens que nasceram ou cresceram no novo ambiente têm de se submeter diariamente ao contato mais ou menos violento com os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

envelhecidos rigores escolares. Tais rigores alimentam as engrenagens oxidadas dessa instituição de confinamento fundada há vários séculos e que, mais ou menos fiel em suas tradições, continua a funcionar com o instrumental analógico de giz e quadro-negro, regulamentos e boletins, horários fixos e carteiras alinhadas, uniformes, prova escrita e lição oral.

Diante do exposto questiona-se: A universidade está percebendo esse movimento dos estudantes, esses comportamentos? Se a resposta for positiva, promove-se outro questionamento: O que faz ela com esta percepção? Para que serve? Tão somente para os professores exporem, reclamarem dos comportamentos dos estudantes, “completamente inadequados para universitários”, nas reuniões do departamento e do colegiado? As queixas mais freqüentes são: “os alunos só querem ficar nos celulares, durante as aulas”, “os alunos só copiam e colam” as pesquisas passadas por eles e que “querem ver como eles (os alunos) vão fazer no dia da prova”.

Os múltiplos discursos desses estudantes, cujas características aparecem nas suas escritas são de não-linearidade, assequenciais. Características estas mais percebidas e utilizadas nas mídias hipertextuais por permitirem uma construção de redes de conexões e sentidos. Tais características migraram ou se fundiram na história da comunicação para a educação em meados do século XX, tendo seu *boom* no contexto atual, desencadeando uma necessidade de compreensão de uma nova forma hipertextual de documentar, acessar a informação. Na verdade, o mundo possibilita socializar/comunicar/compartilhar ideias/pensamentos/valores, sentimentos e conteúdos, sendo imprescindível para a universidade sua adequação às múltiplas práticas discursivas dos estudantes contemporâneos. Contudo, a cadeia formativa, que tem início na universidade, insiste em permanecer como um monumento estático, que precisa ter, no interior de seus muros, estudantes estáticos e formar profissionais em uma fôrma clássica positivista.

O que aconteceu foi que as mídias hipertextuais estenderam a capacidade e atenderam/saciaram o desejo humano natural de interagir, intercambiar informações, comunicar experiências pessoais, viajar, conhecer pessoas... Onde quer que estejam elas proporcionaram aos sujeitos de todas as classes sociais comunicarem, vivenciarem, experienciarem sensações e sentimentos. Ou seja, as mídias hipertextuais promovem a inclusão do sujeito que historicamente sofreu (e continua sofrendo) diversas formas de exclusão, principalmente na escola, mas agora se sente socialmente incluído por ter um *smartphone*. Isso mesmo! O jovem contemporâneo se sente parte deste contexto



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

hiperestimulado e hiperestimulante quando acessa a *internet*, ou seja, são generosamente incluídos no mundo através dessas tecnologias. Ainda assim, ele continua a ser excluído na universidade, quando esta não incorpora ou não aceita adequadamente os muitos discursos desses agentes.

Para o sujeito hipertextual de hoje, as mídias estáticas (como o livro, a TV, o rádio, os jornais, as revistas, etc.) não lhe bastam (não são suficientes) como antes, embora continue assistindo filmes em busca de dados antropológicos, da codificação dos costumes de determinada cultura e época, e que emocionam muito os jovens hipermidiáticos. Eles ainda buscam os livros (que lhes interessam circunstancialmente). Afinal, se não houvesse procura, como explicar então o estrondoso sucesso em vendas dos livros “A culpa é das estrelas”, “Cidades de papel”, do autor John Green e, que estão agora nas telas de cinema? Então, não potencializar ou não estimular o uso das mídias hipertextuais, utilizando-se o falso argumento de que os professores, os livros, as revistas deixarão de existir e os jovens não mais se interessarão por essas mídias não mais nos convence ou, num discurso bem contemporâneo, “não cola”.

Além do mais, através das mídias *mobile* conseguem-se comoções públicas que modificam atitudes, comportamentos e senso de justiça e moral, como ocorreram nos casos da menina Isabela Nardoni, do garoto Hélio, onde um e talvez o mais importante jurado fosse o público, que acompanhou tudo e fez justiça ou sentiu-se contemplado, pela sentença, no seu dever cidadão, de demonstrar a imensa sinergia entre a mídia estática e o sujeito também estático, mas simultaneamente móvel, porque este sujeito acompanhava todos os fatos em tempo real e pede mudanças, reclama seus direitos, também em tempo real. Trata-se de uma nova agenda, uma agenda digital, onde se exige, através do trombone digital (um espaço, de fato, democrático) que a sociedade mude e que atitudes sejam tomadas. E a universidade? Como pode trazer para dentro de seus muros essa agenda? Ela permite que suas paredes vençam as redes?

Os estudos até aqui realizados demonstram que estamos diante de um embate, porque a escola e a universidade não fazem seus estudantes entenderem a necessidade de terem/tomarem atitudes frente às inúmeras situações que o cotidiano apresenta e, de forma especial, cabe ao professor tomar essas atitudes em relação a tudo: indisciplina, conteúdos, violência e mídias hipertextuais. Bom, a resposta que responde a todas as situações é nada, ou quase nada, simplesmente porque como afirma Senna (2007)



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Apesar de muito tempo já haver se passado, de estarmos já no período pós-industrial, as nossas escolas continuam buscando construir um cidadão-modelo da sociedade do século XVI, baseadas em um modelo de ensino orientado por esquemas preestabelecidos e em práticas educacionais caracterizadas por representações positivistas de educação, que procuram um determinado modelo que resultaria sempre em um determinado fim. No entanto, as relações de aula, são instituídas por indivíduo únicos, cada um com vivências diversas. Cada sala de aula tem sua especificidade; cada dia, numa mesma sala de aula é particular, composto de novas vivências. Diante disso, vemos que um modelo predefinido de prática educativa não soa coerente com a dinâmica desse espaço escolar, em especial nos dias hoje (SENNA, 2007, p. 81).

A Academia de ontem, de hoje... de sempre

A Academia de hoje parece estar, como desde sempre, na contramão do desenvolvimento do sujeito contemporâneo, multifacetado, pois enquanto negociar a auto gestão do conhecimento é cada vez mais imprescindível, uma vez que não há fragmentação de tempo, espaço, *modus operandi* de aprendizagem e que o seu uso para fins educativos não significa o descarte das mídias estáticas como a televisão, como o diz Demo (1984): “o passado não é o paradigma final, mas é referência importante. Só isto!”. Tanto é verdade esta assertiva de Demo que a televisão tem usado as mídias móveis como uma segunda tela. O suporte midiático como *second screen* permite a extensão de fatos. Assim, uma notícia dada na TV de forma muito breve pode ser melhor compreendida na *web*, através dos diversos *links* que estarão disponíveis na mesma página que a notícia, facilitando o entendimento do leitor. E por que a universidade não se apropria também desse comportamento para negociar a extensão dos seus conteúdos? Permitindo aos estudantes encontrarem mais informação sobre tais conteúdos para posteriormente serem tratados na sala de aula com a mediação do professor? A resposta é que a universidade percebe o uso das mídias móveis apenas como fins de entretenimento e, como consequência, não estimula seu uso para além disso.

Vislumbra-se a possibilidade de “trânsito” do sujeito cartesiano para o hipertextual como uma possibilidade de dupla de inclusão: do futuro professor e dos alunos/jovens que estão no ensino médio. É pensar a educação como a oferta de chances, possibilidades, escolhas, empreendimento. Se negamos o saber escolar, não oferecemos aos sujeitos a oportunidade de selecionar uma forma adequada de expressão nos diferentes contextos em que circula (SENNA, 2010). Se negamos o



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

saber escolar, não oferecemos aquilo que vieram buscar na escola. Se negamos o saber escolar, eles serão mantidos na situação de exclusão social e nós, professores, permaneceremos em nossos erros recorrentes e em nossos castelos intransponíveis, de direito, porque seremos nós os excluídos, de fato, das vidas dos nossos alunos e dos novos cenários midiáticos que surgem a cada dia.

Breves sintomas deste estudo

A mudança de atitude de ambos sujeitos, cartesiano (muito presente no ambiente escolar) e hipertextual/narrativo (muito presente em todos os ambientes sociais), deve começar por um reconhecimento de que ainda estamos num campo instável, no qual novos gêneros discursivos que exploram as capacidades específicas do universo digital surgem na *web*; no qual a vulgarização do trabalho em rede e em ambientes hipertextuais questiona algumas noções atribuíveis aos textos de cultura do impresso; no qual livro e leitura encontram-se confrontados com um universo multimídia e no qual os diversos tipos de documentos e formas de informação inscrevem-se em um mesmo suporte. Urge, portanto, a necessidade de os futuros professores emergirem da condição de sujeitos leitores clássicos estáticos para a condição de sujeitos hipertextuais, pois suas mentes já o são.

É lógico que essa “migração” trará inúmeros questionamentos para o sujeito estático, tais como: Uma obra literária impressa tem o mesmo estatuto quando passa a ser *e-book*? Qual o estatuto de um hipertexto? Com qual tipo de materialidade estamos lidando? Com quais formas de leitura e de conhecimento o licenciando vai lidar ao se tornar professor? *A priori*, julgamos que a academia é o processo formativo vivido pelo licenciando que deverá levá-lo a refletir para construir, ele próprio, suas respostas. Senna (2006) nos diz que:

“Historicamente a escola assumiu o papel de condicionar os alunos, tanto ao modo científico, quanto à escrita, à leitura de um mundo escrita (estática e idealizada) e a uma série de outros comportamentos, como a escrita ordenada, a mancha ordenada, o controle do tempo social e biológico, etc.” (SENNA, 2006, p.37).

Mas é fato que não temos como retroceder a este momento histórico. Logo, cabe à universidade desmontar e remontar seus processos formativos, suas práticas pedagógicas. Se não for assim, continuaremos a ter, nas instituições formadoras, professores que não entendem e/ou não aceitam os



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

comportamentos de seus alunos e escolas que consideram inadequados tais comportamentos e práticas discursivas dos jovens. E o impasse continuará.

Referências:

CHARTIER, R. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietudes. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2002.

_____. **Aventura do livro** - do leitor ao navegador. São Paulo: Unesp, 2004.

DEMO, P. **Aprendizagens e novas tecnologias**. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, vol. 1, n. 1, p.53-75, Agosto/2009, <http://www.facec.edu.br/seer/index.php/docenciaepesquisaeducacaofisica/article/viewFile/80/140>. Acesso em 10/07/2013.

_____. **Fundamento sem Fundo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.

LEVY, P. **Tecnologia da Inteligência**. São Paulo: Editora 34, 1998.

_____. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

SENNA, L. A. G. **De Vygotsky a Morin**: entre dois fundamentos da educação inclusiva. In: Informativo Técnico-Científico. Espaço INES – Rio de Janeiro: nº 22, pp.52- 59, Dez de 2004.

_____. (et Allii). **A linguagem científica nas culturas orais**. Texto produzido para o Congresso Internacional: Educación y Desarrollo para el Futuro del Mundo. México, 2002,

_____. (Org). **Letramento** – Princípios e Processos. Curitiba: Editora IBPEX, 2007.

_____. **A heterogeneidade de fatores envolvidos na aprendizagem**: uma visão interdisciplinar. In: Revista SIMPRO. Vol 6. SIMPRO-RJ, pp 9-17, 2004.

_____. **Categorias e sistemas metafóricos** – um estudo sobre a pesquisa etnográfica. Conferência proferida durante o IV Fórum de Investigação Qualitativa, realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora, de 18 a 20 de agosto de 2005. Publicado em Educação em foco, ISSN 01043293. pp. 169-187, agosto/2006.

_____. **O Conceito de Letramento e Teoria da Gramática**: uma vinculação necessária para o diálogo entre as teorias da linguagem e a educação. In: Revista DELTA. São Paulo: PUC-SP, 2007.

_____. **O leitor, o professor e o pensamento narrativo**. Anais do “I Seminário Internacional de Educação” (Cianorte-Paraná-Brasil), pp. 2240-2244, setembro/2001.

_____. **O planejamento no Ensino Básico & o compromisso social da educação com o**



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Letramento. In: Educação e Linguagem. São José dos Campos: ISSN 1415-9902, pp 200-216, 2003.

_____. **Psicogênese da língua escrita, universais lingüísticos e teorias de alfabetização.** In: Alfa, São Paulo: 39, ISSN 0025216. 221-241, 1995.

VYGOTSKY, L.S. A Formação Social da Mente. Martins Fontes, São Paulo. 1989.

_____. Pensamento e Linguagem. Martins Fontes, São Paulo.1989.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro:** evolução e sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.